

AS CRIANÇAS DE CRISTAL

KRISTINA OHLSSON

AS CRIANÇAS DE CRISTAL

Tradução de
CRISTINA VAZ



BERTRAND EDITORA
Lisboa 2016

Capítulo 1

Ninguém sabia para onde tinha ido a família que vivia antes naquela casa. Um dia, no verão anterior, tinham simplesmente empacotado as coisas deles e foram-se embora. Desde então a casa estava vazia.

— Eles telefonaram-me em junho — disse o homem que andava a mostrar a zona a Billie e à sua mãe. — Disseram que o pai tinha arranjado um emprego novo e que tinham de se mudar de imediato. A seguir, perguntaram-me se podia ajudá-los a vender a casa.

Abanou a cabeça enquanto as conduzia pelos degraus que davam para a porta da frente.

Billie sentia-se cada vez mais e mais duvidosa em relação a tudo aquilo. Iriam realmente viver ali? A mãe virou-se para ela e sorriu-lhe. Era um novo sorriso que ela adotara no ano anterior quando o pai adoecera. Um sorriso triste, que fazia Billie pensar nos palhaços do circo.

O homem destrancou a porta da frente e entrou. Billie e a mãe seguiram-no até ao interior da casa.

— Claro que não lhes podia dizer que não depois de eles me terem pedido ajuda — disse o homem. — Não sou agente imobiliário, mas, quer dizer, qualquer um consegue vender uma casa, não é verdade? No entanto, não tive tempo para tratar da venda quando eles se mudaram, e depois estávamos a caminho do outono e do inverno, por isso telefonei-lhes e disse-lhes que seria melhor esperar até ao verão.

— Veio muita gente ver a casa? — perguntou a mãe.

O homem hesitou antes de responder.

— Bem, não foi assim tanta, mas alguma. E uns quantos estavam interessados.

Billie achou que o homem estava a mentir. Ela era boa a detetar esse tipo de coisas; podia ouvir-se perfeitamente nas vozes das pessoas quando elas não estavam a dizer a verdade. Como da vez em que ela perguntou à mãe se o pai ia morrer, e a mãe respondeu que claro que não. Billie soube de imediato que ela estava a mentir.

O homem levou-as pela casa para a mostrar. No andar de cima, havia dois quartos bastante pequenos com tetos esconsos, enquanto no andar de baixo havia uma cozinha, uma sala de estar, um quarto extra e uma casa de banho.

— A cozinha não é lá muito grande — comentou Billie.

— É suficiente para nós — replicou a mãe.

Billie olhou em volta. Era uma casa antiga. Segundo os pormenores que o homem lhes dera, fora construída há quase cem anos. Uma casa de madeira, pintada de azul. A tinta estava estalada e a descascar; ela reparara nisso quando estavam no jardim.

— A casa foi pintada de novo há muito poucos anos — informou o homem. — Antes era amarela.

Estavam num dos quartos do andar de cima, e Billie achou que o ar era difícil de respirar. Havia um cheiro estranho na casa, como se não tivesse vivido ali ninguém nos últimos vinte anos. Ela não queria saber se o edifício antes era verde ou amarelo ou preto; ela só queria sair dali para fora e voltar para casa.

Casa. Para a casa em Kristianstad onde ela vivera durante os doze anos da sua vida toda, a casa de onde ela não queria sair nunca. A mãe metera na cabeça que elas tinham de se mudar agora que eram só ela e Billie. Para Åhus, uma pequena localidade a cerca de vinte quilómetros de onde a mãe vivera em criança. Billie achou que as coisas estavam bem assim. E mudar de casa não traria o pai de volta.

— Eu gosto do azul — disse a mãe. — O amarelo também fica bem, mas percebo porque os donos anteriores optaram antes pelo azul. Durante quanto tempo viveram cá? — perguntou ela assim que saíram do quarto.

O homem foi um tanto evasivo.

— Na verdade, não me lembro. Três ou quatro anos, talvez? Como eu disse, tiveram de se mudar um bocado à pressa quando a mãe arranhou um emprego novo.

— Pensei que tinha dito que foi o pai — observou Billie.

O homem olhou-a fixamente e disse com convicção:

— Não, foi a mãe.

A divisão ficou em silêncio, e Billie ouviu um barulho vindo de cima. Parecia que andava alguém a correr pelas telhas do telhado.

— Pássaros — disse o homem. — Vocês habituam-se.

Billie estremeceu. Aquela casa era desagradável. Fria e suja.

E depois havia a mobília; os donos anteriores tinham deixado tudo. A mãe viu-a a olhar e perguntou ao homem quando é que os donos tencionavam ir buscar tudo aquilo.

O homem pigarreou.

— O caso é que, se entendi bem, a casa está a ser vendida juntamente com a mobília — disse ele. — Senão, não a vendem.

A mãe de Billie surpreendeu-se.

— Quer dizer que, se eu não comprar também a mobília, não posso comprar a casa?

— Não tem de pagar pela mobília — explicou o homem —, mas ninguém virá cá para a levar.

— Compreendo — disse a mãe, mas Billie podia ver que ela não compreendia de todo.

Quem mudava de casa sem levar as suas coisas?

— Vou esperar no jardim para vocês darem mais uma volta sozinhas — disse o homem, descendo as escadas.

Ouviram a porta da frente fechar-se e, pouco depois, viram-no através da janela.

— Então, o que achas? — perguntou a mãe. — Esquece a mobília; podemos livrar-nos dela. E lembra-te de que podemos arranjar a casa como quisermos.

Billie tinha um nó na garganta. Tinha sido há apenas um ano que ela fora autorizada a redecorar o seu quarto em casa. O pai ajudara-a, e interrogaram-se por que razão ele se cansava tão depressa e porque lhe doíam tanto as costas.

— Não quero viver em Åhus — disse ela. — Não tenho nenhuns amigos cá; toda a gente que conheço vive na cidade. E não gosto desta casa.

— O que é que ela tem de mal? — perguntou a mãe.

Billie não sabia por onde começar. Estava tudo coberto de pó e as janelas estavam imundas. Os pássaros ainda corriam de um lado para o outro do telhado, e as paredes e os soalhos faziam barulhos esquisitos.

— É tão... velha — acabou Billie por dizer.

— Mas, querida, a nossa casa na cidade também é velha.

Billie tinha comichão nos olhos; esfregou a cara com a manga.

Ela não queria aquela casa, tudo se resumia a isso.

— Vou descer — disse a mãe. — Anda para baixo quando acabares de dar uma olhadela.

As escadas rangiam a cada passo que a mãe dava, e em breve Billie pôde ouvi-la a abrir e a fechar as portas dos armários da cozinha.

Billie foi até ao outro quarto, que seria o dela caso se mudassem para ali. Estava cheio de coisas — estantes e várias outras peças de mobiliário. Havia uma cama com uma colcha verde encostada à parede, e a um canto encontrava-se uma secretária que alguém pintara de cor-de-rosa. Na secretária, havia um bloco e alguns lápis de cor, mesmo ao lado de uma pilha de desenhos. Era como se alguém tivesse estado ali sentado a desenhar e, depois, se levantasse simplesmente e tivesse ido embora.

E nunca mais voltara.

Capítulo 2

Mudaram-se passadas quatro semanas. Billie não estava lá muito convencida.

— É aqui que eu quero que vivamos — disse a mãe.

E foi o que aconteceu.

Porque a mãe crescera em Åhus e insistira que sempre quisera regressar. Porque ela queria que comessem de novo num sítio diferente que não fosse muito longe de Kristianstad.

Billie não tinha energia para discutir. E pelo menos a mãe concordara que ela podia ficar na sua escola na cidade, de modo a poder estar com os seus amigos.

— Precisamos de fazer umas limpezas — disse a mãe enquanto levavam caixotes para dentro de casa.

Billie não ia contestar.

Estavam em julho, a meio das férias de verão, e Billie não conseguia lembrar-se do que tinha feito com o seu tempo desde que as aulas haviam terminado. Os amigos pareciam achar fantástico que ela fosse viver

para Åhus. Poderiam ir lá e visitá-la durante as férias. Ir de bicicleta até à praia e nadar. Comer gelado junto ao porto. Billie tentara parecer tão entusiasmada como os amigos, mas na verdade não resultara. Ela continuava sempre a pensar em todo aquele pó e terra, e em todas as coisas que os antigos donos tinham deixado ficar.

Era quase como se eles ainda lá vivessem.

Billie e a mãe foram visitar os seus avós em Lund na semana antes de mudarem de casa. O avô acendera a churrasqueira enquanto a avó cozia batatas novas. Também eles pareciam achar a mudança para Åhus uma boa ideia.

— Uma coisa nova vai fazer-vos bem às duas — disse a avó, acariciando a face de Billie. Então começou a chorar, e o avô tossiu de forma estranha e piscou os olhos dizendo que o fumo da churrasqueira lhe estava a ir para os olhos. Contudo, Billie conseguiu perceber que ele também estava perturbado.

Billie chorara tanto quando o pai morrera que pensava que não tinha mais lágrimas. Mas tinha. Costumavam aparecer à noite, mas por vezes também surgiam a meio do dia. Nenhum inverno ou primavera havia sido tão terrível como aquele ano.

A casa da cidade ainda lhes pertencia, mas em breve seria posta à venda. Billie esperava que ninguém aparecesse para a ver e que tivessem de voltar a mudar-se para lá. O agente imobiliário dissera que seria mais fácil

vendê-la se estivesse mobilada, pelo que a mãe decidira que podiam perfeitamente esperar antes de levarem as suas coisas para a casa nova.

— Quero dizer, já há lá tanta mobília, e vai demorar algum tempo até nos livrarmos de tudo aquilo — dissera ela.

Mas Billie batera o pé.

— Não vou dormir nas camas velhas e nojentas deles! — gritou ela.

A mãe concordara. Substituiriam as camas, mas ficariam com tudo o resto.

Estava calor no dia da mudança. A mãe trouxera alguns caixotes grandes de cartão, e Billie enfiou toda a tralha que estava espalhada pelo seu quarto num deles. Esvaziou a secretária cor-de-rosa, retirando cuidadosamente os desenhos que tinham sido deixados para trás. Não tinha a certeza, mas pensava que haviam sido feitos por uma rapariga. Muitos deles eram a preto-e-branco, apenas uns quantos tinham sido pintados.

Os desenhos eram de várias coisas.

Um gato grande sentado numa pedra.

Montes de árvores; Billie pensou que deviam representar uma floresta. Um rapaz espreitava de um dos troncos.

Um outro desenho mostrava uma rapariga que parecia bastante zangada.

Billie meteu-os mesmo ao fundo da caixa e cobriu-os com outras coisas. Não lhe agradava o facto de

a outra família ter deixado tantos sinais óbvios da sua existência. A mãe estava sempre a dizer que precisavam de começar de novo, mas como podia alguma coisa parecer nova ou revigorante numa casa tão velha?

A mãe apareceu à porta.

— Vou às compras. Queres vir?

Billie pensou por um momento. Não, ela não queria ir às compras.

— Está bem — disse a mãe. — Não demoro.

Portanto, Billie ficou sozinha na nova casa pela primeira vez.

Capítulo 3

Quando a mãe saiu, a casa ficou em silêncio absoluto. Billie pôs a última das coisas de que se queria livrar num caixote e foi ao andar de baixo buscar o aspirador. A mãe deixara a porta da frente aberta, e Billie apressou-se a ir até lá e fechá-la. Também a trancou.

Quando a porta se fechou, ela ouviu o barulho de uma janela a bater num dos quartos. Foi em bicos de pés até à sala de estar, mas nenhuma das janelas estava aberta. Billie ficou completamente imóvel, a ouvir com atenção. O barulho continuava, mas vinha de outro sítio.

Viu então algo que a fez esquecer as pancadas por momentos.

O candeeiro do teto da sala de estar.

Estava a mexer-se. Balançava devagarinho de um lado para o outro, como o pêndulo de um relógio antigo.

Deve ser por causa da corrente de ar da janela, pensou Billie. Mas as janelas da sala de estar estavam todas

fechadas. Portanto, como podia o candeeiro estar a balançar de um lado para o outro?

Foi até ao quarto extra. O chão estava virtualmente coberto de caixotes e tralha variada. Billie sentiu-se aliviada por ver que a janela estava escancarada; fechou-a rapidamente. Sentiu o mesmo que sentira ao fechar a porta da frente; não se atrevia a deixá-la aberta. Nem conseguia voltar para trás e olhar para o candeeiro do teto da sala. E se ainda estivesse a mexer-se?

Billie encontrou o aspirador num canto ao pé da porta. Pensou se alguma vez tivera umas férias de verão tão peculiares. Umas férias de verão preenchidas com uma mudança de casa e limpezas. Umas férias de verão sem o pai. Forçou-se a si mesma a inspirar fundo.

Ao pegar no aspirador, Billie vislumbrou uma mesinha. Era baixa, como uma mesa de centro, mas muito mais pequena. Interrogou-se sobre para que serviria; seria talvez o género de coisa onde a avó colocaria uma planta?

A mesa estava coberta de pó, mas Billie podia ver que tinha cores vivas. As pernas eram de metal e o tampo era feito de mosaicos pequeninos e brilhantes, azuis, vermelhos e dourados. Com cuidado, traçou uma linha no pó com o dedo, e viu como os pequenos mosaicos brilhavam. Esta era a primeira coisa bonita que via na casa. Iria perguntar à mãe se podia ficar com ela no seu quarto.

Ao levar o aspirador para o andar de cima, pensou no candeeiro a balançar de um lado para o outro no tecto. Devia ter sido a corrente de ar do quarto extra a fazê-lo mexer-se. Que outra coisa poderia ter sido?

O Sol desapareceu lentamente por trás dos pinheiros altos do lado de lá da estrada em frente à sua casa. Billie e a mãe estavam sentadas no pátio a comer esparguete à bolonhesa.

— Apetece-te ir de bicicleta até ao mar para um mergulho tardio? — perguntou a mãe, com os olhos a brilharem. — Acho que merecemos depois de todo o nosso trabalho duro.

Um passeio de bicicleta e nadar ao final do dia. Soava maravilhosamente. Billie terminou o seu copo de leite e lá foram.

— O que pensas que aconteceu à família que vivia aqui antes? — indagou Billie depois de terem pedalado em silêncio durante um bocado.

— O que queres dizer com «aconteceu»? — retorquiu a mãe.

— Não sei bem, mas não achas esquisito que eles tenham simplesmente ido embora e deixado tantas coisas para trás?

— Acho que sim — disse a mãe. — É um tanto estranho que eles se tenham ido assim. Mas é isso que

por vezes acontece; as coisas podem mudar muito rapidamente.

Não disseram mais nada até chegarem à beira-mar.

A água estava azul e fria. Não havia uma brisa para criar ondinhas na superfície brilhante. Billie parou quando a água lhe embateu nos tornozelos, mas a mãe continuou e correu até o mar lhe chegar à cintura. A seguir atirou-se para a frente e desapareceu no azul. Uns segundos depois voltou a emergir.

— Está fantástico! — gritou. — Anda lá, Billie!

Billie correu até junto da mãe. Tinha-se esquecido de que a água em Åhus estava sempre demasiado fria — e que era tão pouco profunda. O avô costumava dizer que tinha tão pouca profundidade que até dava para ir a pé até à Polónia.

A praia era estreita mas comprida. Ao longe, do lado direito, era possível distinguir-se o pontão na enseada que dava para o porto. Billie planeava ir de bicicleta até ao porto assim que tivesse tempo. Era um sítio encantador para se ficar sentado a ler.

Avistou-o assim que saiu da água e estava a envolver-se na toalha. Um rapaz de cabelo escuro e olhos castanhos. Estava sentado na areia não muito longe, envergando uns calções vermelhos sem mais nada. Porque estaria a olhar fixamente para elas?

A mãe de Billie saiu da água, a sacudir o cabelo. Deve ter seguido o olhar de Billie, porque comentou:

— Ele parece simpático.

Billie sentiu-se corar. Porque seria que os pais achavam sempre que não fazia mal dizerem esse género de coisas? *Simpático*. Seria realmente essa a melhor coisa para se dizer sobre um miúdo?

— Não, não parece — disse Billie. — Parece parvo, ali sentado a olhar fixamente para nós.

Lançou um olhar zangado ao rapaz, que se virou devagarinho para o outro lado. Mas quando Billie e a mãe passaram por ele um pouco mais tarde, ele estava outra vez a olhar fixamente para elas. Billie endireitou as costas e fez questão de olhar noutra direção. Teve a sensação de que o rapaz continuou a olhar para elas até terem chegado às suas bicicletas e ido embora dali.

Quando chegaram a casa, já tinha anoitecido. A mãe pegou nas toalhas e foi pendurá-las na corda da roupa ao lado do barracão da lenha no jardim das traseiras.

— Vai para dentro, já lá vou ter — disse ela.

Billie contornou rapidamente a casa e foi até ao pátio. Os pinheiros do outro lado da rua erguiam-se altos e negros. Havia luzes em várias das outras casas, mas todas tinham jardins grandes e nenhuma delas ficava particularmente perto. Um esquilo que devia estar escondido no pátio saltitou pelos degraus abaixo, pregando um susto a Billie.

Ela pensou no rapaz da praia, e a sua mão tremeu ligeiramente ao tirar a chave do bolso e ao abrir a porta

da frente. Entrou e fechou a porta atrás de si. Ainda tinha areia nos pés, e sacudiu-a com as mãos. No tapete caíram pequenos grãos de areia.

A luz do teto do corredor piscou quando ela a acendeu. Lembrou-se da mesinha; será que podia limpá-la e levá-la já para o quarto?

O quarto extra tinha apenas um pequeno candeeiro de parede; o seu brilho suave pintou a divisão de amarelo. Billie foi até junto da mesinha e inclinou-se para lhe pegar. De repente, imobilizou-se. Aquilo era impossível. Agachou-se para poder olhar mais de perto. Mas não, os seus olhos não a enganavam. E quanto mais olhava para a superfície empoeirada da mesa, mais assustada ficava.

Por cima da linha que ela mesma traçara no pó, alguém deixara a impressão de uma mão muito pequena. Era como se uma criança tivesse ido à casa enquanto elas estavam na praia, tivesse pousado a mão sobre a mesa coberta de pó e depois partido.

Capítulo 4

Por mais que tentasse, Billie não conseguia parar de pensar naquela palma da mão marcada no pé. Alguém estivera em casa delas enquanto estavam fora. Mas a mãe não acreditou nela. Argumentara que a própria Billie devia ter feito a marca da mão.

— Mas isso é impossível! — exclamara Billie, pondo a sua própria mão por cima da marca. — A minha mão é muito maior! — Não conseguia entender como é que a mãe podia achar que ela estava a mentir.

— Então, estás a dizer o quê? Que uma criança pequena se esgueirou para dentro de nossa casa?

Billie não sabia o que pensar, portanto não respondeu. Contudo, estava assustada. Achava difícil conseguir adormecer e, durante a noite, foi acordada pelos pássaros a correrem pelo telhado e pelo estranho ranger das paredes e dos soalhos.

— É mesmo assim com as casas velhas — dissera a mãe. — Fazem barulhos.

Porém, Billie não se sentia em segurança, e a sensação de que as coisas não estavam bem começou a aumentar. Por vezes imaginava que não estavam sozinhas na casa.

Esperava sentir-se melhor depois de já estarem a viver ali há algum tempo. Era demasiado crescida para acreditar em fantasmas, e claro que a mãe tinha razão quando dissera que era impossível uma criança pequena ter vindo a casa delas enquanto estavam fora. Mas, nesse caso, como fora a marca da mão ali parar?

Começou a chover. Billie passava a maior parte do tempo no seu quarto, deitada na cama a ler enquanto a chuva caía no telhado. Ao fim de cinco dias de mau tempo ininterrupto, a mãe anunciou que tinha mais ou menos acabado de arranjar a casa, e nessa mesma altura o sol reapareceu.

— Pensava que nos íamos livrar de toda aquela tralha que metemos nas caixas — disse Billie enquanto levavam as últimas coisas e caixotes para o quarto extra.

— Sim, mas o tempo tem estado tão horrível — replicou a mãe. — E lembras-te de Martin, o homem que nos mostrou a casa? Ele prometeu tratar disso se eu deixasse tudo aqui.

Billie lembrava-se do homem e também se lembrava que sentira tanta aversão por ele como pela casa. Então o nome dele era Martin, não era?

— Ele disse um monte de mentiras — declarou ela.

— Oh, Billie — disse a mãe. Parecia cansada.

— Mas ele disse, sim — insistiu Billie. — Disse que a família que vivia aqui se mudou porque o pai arranhou um emprego novo e depois, de repente, disse que tinha sido a mãe.

— Provavelmente, esqueceu-se — justificou a mãe. — Deixa lá isso.

Contudo, Billie pensou novamente na marca da mão no pó. Não conseguia compreender como podia a mãe não estar assustada com o que acontecera.

A melhor coisa que Áhus tinha era ser uma terra pequena. Era tudo perto e podia-se ir para todo o lado de bicicleta. Billie ganhou o hábito de tentar ir a um sítio qualquer todos os dias.

Um lugar que ela gostava particularmente de visitar era a biblioteca, que ficava atrás do enorme supermercado junto ao porto. Billie adorava livros. Até decidira não encaixotar os livros que a família anterior deixara no seu quarto e mantê-los na estante.

A bibliotecária reconheceu Billie e cumprimentou-a com um sorriso quando ela se dirigiu ao balcão para perguntar por um livro que mandara vir.

— Estás com sorte — disse alegremente a bibliotecária. — Acabou de chegar!

A mulher virou-se e pegou num livro de uma prateleira atrás de si. O livro era grosso, com uma capa

castanha, e tinha em volta um elástico para prender um bocado de papel com o nome e o endereço de Billie lá escritos.

— Aqui tens — disse a bibliotecária, retirando o elástico.

Billie tirou do bolso o seu cartão da biblioteca. Ao entregá-lo à bibliotecária, roçou no papel e este caiu ao chão. Precisamente quando se baixava para o apanhar, ouviu uma voz:

— Eu apanho-o.

Billie assustou-se; não reparara que havia alguém atrás dela. Uma senhora de idade apanhou o papel do chão e leu-o antes de o entregar a Billie.

A senhora era muito baixa, mais ainda do que Billie. E envergava roupas mesmo estranhas: um vestido comprido que parecia tão velho como ela. Também tinha um cheiro esquisito — tipo cera. Billie percebeu pela expressão da bibliotecária que ela reconhecera a velhota, e não parecia satisfeita.

— Ella, o seu livro ainda não chegou — disse com modos bruscos. Era como se achasse que a velhota ia demasiadas vezes à biblioteca e como se não gostasse dela.

— Oh, paciência — disse Ella. — Nesse caso, te rei de voltar noutro dia.

— Já lhe disse que lhe telefono assim que chegar.

A velha senhora não disse nada por um momento, mas depois replicou:

— Não é preciso. Não tenho grande coisa para fazer; posso vir cá de bom grado.

A seguir virou-se para Billie.

— Reparei que no papel diz que moras em Sparrisvågen — disse ela. — Não foste morar para aquela casa azul em frente dos pinheiros, pois não?

A voz era amistosa, mas a sua expressão era de ansiedade. Billie sentiu-se desconfortável. Porque estaria a velha senhora interessada em saber onde ela morava?

— Sim, é essa — acabou ela por dizer. — Mas não estamos lá há muito tempo.

Ella abanou a cabeça, e Billie achou que ela parecia estar perturbada.

— Eu tinha a certeza de que ninguém ia morar para lá — disse ela.

A bibliotecária entregou a Billie o livro e o seu cartão.

— Obrigada — disse Billie de forma automática.

— De nada. Agora vai para casa antes que Ella te encha a cabeça com cusquices.

Ella ficou irritada.

— Eu não disse nada! — protestou em voz alta.

— Não, e não vai dizer — declarou a bibliotecária. — Tenho a certeza de que esta jovem está bastante feliz com a sua casa nova, e na verdade não precisa de ouvir as suas histórias.

Ella fungou.

— Histórias — disse irritada. — Eu não penso assim! São tão verdadeiras como eu estar aqui neste momento.

De que estão elas a falar?, interrogou-se Billie. Agarrou o livro contra o peito.

— Há algum problema com a nossa casa? — perguntou, tentando parecer confiante.

Falhou; a sua voz era insegura e saiu mais como um sussurro.

— Nenhum — respondeu a bibliotecária. — É só Ella a imaginar coisas.

Que género de coisas?, quis Billie perguntar. Porém, não o fez. Algo segurou a sua curiosidade, como se tivesse medo do que poderia ouvir.

— Não estou a imaginar nada — defendeu-se Ella com brusquidão. — Mas não te preocupes, não te vou maçar mais.

Saiu disparada da biblioteca, com as saias a roçagarem à medida que andava.

— É melhor esperares aqui uns minutos para termos a certeza de que ela se foi embora — disse a bibliotecária a Billie, que não conseguia libertar-se da sensação de que Ella tentara dizer-lhe qualquer coisa; qualquer coisa de importante.

— O que quis dizer com cusquices? — perguntou hesitante.

— Não é nada com que devas preocupar-te — respondeu a bibliotecária. — É apenas Ella a dizer disparates. Várias famílias diferentes viveram na tua casa

ao longo dos últimos anos, e parece que isso fez avivar a imaginação de Ella.

Billie ficou ali junto ao balcão, agarrada ao seu livro. Perguntou-se o que teria Ella querido dizer-lhe. E interrogou-se como é que o seu endereço era tão conhecido a ponto de tanto Ella como a bibliotecária o terem reconhecido.

— Tenho de ir para casa — balbuciou.

Sem saber realmente porquê, saiu da biblioteca a correr direita à sua bicicleta. Ella não estava à espera dela. Deixou cair pelo menos por duas vezes a chave enquanto tentava abrir o cadeado.

Havia algo de errado com a sua casa. Tal como Billie sempre soubera.